

Foram realizadas uma radiografia simples, na projeção látero-lateral e, em seguida, urografia excretora. A técnica selecionada para realização das projeções foi de 60,0KW/5,0mAs. Na radiografia simples observou-se a existência de uma estrutura saculiforme e radiodensa na região inguinal, cranial aos testículos. Aos 30 minutos da administração contraste, a urografia excretora permitiu a visualização dos rins e bexiga urinária, porém aos 60 minutos, foi delimitada uma estrutura saculiforme, extracavitária e subcutânea, com contornos definidos e circunscrita, cranial aos testículos e ventral à bexiga urinária, característica do divertículo do úraco. **Discussão e conclusão:** A presença do divertículo do úraco já foi relatada com diagnóstico macroscópico na necropsia ou durante o intra-operatório de bovinos. Contudo, até o presente esse registro ainda não foi efetuado em caprinos e tampouco com o emprego da urografia excretora. Talvez isso explique a rara ocorrência dessa afecção, pois ela é geralmente assintomática, ou causa sinais clínicos generalistas e o exame radiográfico não é usual em caprinos de produção. A urografia excretora possibilitou o radiodiagnóstico da presença de divertículo do úraco extracavitário e subcutâneo em caprino da raça Saanen.

52. RADIODIAGNÓSTICO E PROTOCOLO DE CLASSIFICAÇÃO DA OSTEÍTE DA TERCEIRA FALANGE, DE ACORDO COM O GRAU DE COMPROMETIMENTO, EM CAVALOS MISTIÇOS, USADOS EM PISTAS DE VAQUEJADA

Radiodiagnóstico and protocol of classification of the osteíte of the third falange, in accordance with the degree of commitment, in crossbreed horses, used in sporting activities

SILVA, R. S.; LEITE, J. E. B.; GOMES, J. B.; SOUZA, A. C. F.; SCHELLIN, P. C.
E-mail: rafa_vet1@hotmail.com

Introdução: A utilização de equinos em atividades esportivas, como a vaquejada, pode ocasionar lesões no aparelho locomotor dos animais, devido à intensa carga de treinamentos e competições a que são submetidos. A claudicação é um dos sinais que pode demonstrar a existência de desordem estrutural ou funcional do membro afetado. Osteíte podal é um termo usado para designar processo inflamatório da 3ª falange, de origem infecciosa ou não, onde podem ser observadas alterações radiográficas

com remodelação da margem solear, visualização de desmineralização da terceira falange e diminuição de densidade óssea. Este trabalho relata os sinais radiográficos da osteíte da 3ª falange em seis cavalos usados rotineiramente em pistas de vaquejadas, e sugere um protocolo de classificação dessa afecção, de acordo com grau de comprometimento observado na estrutura óssea. **Métodos:** Foram realizados exames radiográficos de seis cavalos, adultos, mestiços, por apresentarem graus individuais variados de claudicação, dor na pinça do casco, andar relutante e alternância no apoio dos membros. Foi relatado que os animais participavam rotineiramente de vaquejadas, para a derrubada de bovinos. A técnica utilizada foi de 60,0Kw/4,5mAs e a projeção adotada foi a dorsopalmar (ou dorso-plantar), com a incidência do raio na região do casco. As radiografias obtidas foram interpretadas e classificadas considerando-se o grau de lesão observado nas terceiras falanges da seguinte forma: discreta lise óssea comprometendo 1/3 da 3ª falange; aparente normalidade dos canais soleares; e conformação anatômica mantida. Moderada lise óssea comprometendo 2/3 da 3ª falange; visualização de pequeno alargamento dos canais soleares; e conformação anatômica parcialmente mantida. Severa lise óssea comprometendo 3/3 da 3ª falange; visualização dos canais soleares bastante alargados; e conformação anatômica bastante comprometida. **Resultado e discussão:** Em todos os seis animais examinados radiograficamente foi constatada a presença de alteração da terceira falange, corroborando com a ideia de que a atividade de equinos em vaquejadas pode predispor o estabelecimento de lesões nos membros locomotores. Porém, as lesões observadas nos animais apresentou variação no grau de comprometimento, e formas caracterizadas como: osteíte discreta, por se visualizar radiograficamente lise óssea comprometendo 1/3 da 3ª falange, aparente normalidade dos canais soleares, e conformação anatômica mantida; a osteíte moderada, por se visualizar lise óssea comprometendo 2/3 da 3ª falange, pequeno alargamento dos canais soleares e conformação anatômica parcialmente mantida; e osteíte severa, por se visualizar lise óssea comprometendo 3/3 da 3ª falange, canais soleares bastante alargados, e conformação anatômica bastante comprometida. **Conclusão:** De acordo com as condições de realização deste trabalho, pode-se sugerir que a osteíte da 3ª falange pode acometer cavalos mestiços, usados rotineiramente em pistas de vaquejadas, e que a classificação da osteíte da 3ª falange é importante para

a determinação do tratamento e estabelecimento do prognóstico da afecção.

53. RELAÇÃO ENTRE A LOCALIZAÇÃO DA REAÇÃO OSTEOPERIOSTEAL E DA ANQUILOSE ARTICULAR EM CASOS DE OSTEOARTRITE TÁRSICA PROLIFERATIVA ANQUILOSANTE EM EQUINOS DE VAQUEJADA DA RAÇA QUARTO DE MILHA

Relation between osteoperiosteal response and ankylosing tarsal osteoarthritis in sportive quarter horses affected by ankylosing tarsal proliferative osteoarthritis

SCHELLIN, P. C.; SOUZA, D. M.; LEITE, J. E. B.
E-mail: pri.schellin@hotmail.com

Introdução: Os equinos da raça quarto de milha apresentam aptidões amplamente requisitadas em animais esportivos, dessa forma, sua alta capacidade de acelerar, parar o movimento, e mudar de direção repentinamente os fazem ser frequentemente utilizados em competições, como vaquejadas. Todavia, essas situações requerem o limite máximo da capacidade biomecânica desses animais, predispondo, assim, o desenvolvimento de afecções, como é o caso da osteoartrite társica. Também conhecida como esparavão, essa condição estabelece osteoartrose e periosteíte das articulações intertársica distal, tarsometatársica e intertársica proximal, cujo diagnóstico é realizado por radiografia. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é relatar a relação entre a localização da reação osteo-periosteal e anquilose articular em osteoartrite társica proliferativa anquilosante em cavalos da raça Quarto de milha usados em pistas de vaquejadas, com o emprego do exame radiográfico. **Relato de caso:** Foram radiografados, em dias variados, cinco equinos, adultos, da raça Quarto de milha, por apresentarem história de claudicação do membro pélvico, direito ou esquerdo, e aumento de volume local. Na ocasião, os respectivos proprietários informaram que os cavalos eram usados rotineiramente em pistas de vaquejada. Para realização dos exames radiográficos, optou-se pelas projeções dorso-medial planto-lateral, dorso-lateral planto-medial e dorso-plantar da região do tarso e metatarsos, sendo a média da técnica escolhida 80,0Kv/8,9mA. Nas radiografias obtidas, foi visibilizado um aumento de radiopacidade de tecidos moles adjacentes à articulação do tarso (edema); proliferação óssea, em ponte ou não, entre o tarso e metatarso, caracterizando osteoartrite

társica proliferativa anquilosante; e na ocorrência de osteófito em ponte verificava-se anquilose da articulação, com conseqüente perda de mobilidade articular. **Discussão e conclusão:** Os achados radiográficos deste estudo corroboram o exposto na literatura, uma vez que a osteoartrite társica pôde ser diagnosticada a partir da visibilização de distensão da cápsula articular, proliferações ósseas periarticulares, esclerose ou espessamento do osso subcondral e diminuição do espaço articular. Dos cinco cavalos radiografados, três apresentaram anquilose articular, o que confirma o descrito por outras investigações, que observaram anquilose intertársica em 30% dos animais radiografados. Ademais, a presença de osteoartrite társica proliferativa anquilosante foi detectada em 100% dos equinos de vaquejada avaliados neste estudo, podendo indicar que a tensão excessiva nessa região durante a prática do esporte esteja relacionada com o desenvolvimento do esparavão. Diante disso, sugere-se que a utilização rotineira de cavalos da raça Quarto de milha em pistas de vaquejadas favorece o desenvolvimento da osteoartrite társica proliferativa anquilosante.

54. SÍNDROME DO CÃO NADADOR ASSOCIADA À ESPINHA BÍFIDA EM UM CÃO: RELATO DE CASO

Swimming dog syndrome associated the spina bifida in a dog: case report

GOMES, C. A. R.; SAMPAIO, L. M.; ANACLETO, T. P.; MALAGÓ, R.; AKAMATSU, A.
E-mail: caiqueargomes@gmail.com

Introdução: A espinha bífida é uma má formação vertebral congênita, de ocorrência rara, caracterizada pelo fechamento incompleto do segmento dorsal de uma ou mais vértebras da coluna vertebral. A síndrome do cão nadador (SCN) é uma anomalia morfológica dos membros pélvicos caracterizada por hiperextensão das articulações dos joelhos e dos tarsos, e hiperabdução das articulações coxofemorais. O diagnóstico de ambas as enfermidades é obtido por meio dos exames físico e de imagem. A espinha bífida, na maioria dos casos, é observada em cães natimortos, e ainda não há tratamento eficaz, tornando desfavorável o prognóstico dos pacientes acometidos. Na SCN, as medidas terapêuticas visam retornar os membros afetados ao seu posicionamento anatômico habitual com auxílio de bandagens e protocolos fisioterápicos de reabilitação. Este trabalho relata o caso de um cão